

Precariado?

Entrevista com o professor Giovanni Alves



Banksy - Imagem retirada do site: http://www.artofthefuture.co.uk/photos/banksy_no_future_1.jpg

**A CIVILIZAÇÃO DO CAPITAL EM CRISE E A EMERGÊNCIA DO
PRECARIADO: DILEMAS CONTEMPORÂNEOS**

Prof^ª. Alba Maria Carvalho

Espaço do Aluno

Resumos de Teses, Dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos recentemente

Eventos

Saiba o que vai acontecer nos próximos meses

Sugestão de Filme

O preço do amanhã
(Andrew Niccol)

Bibliografia Comentada

Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas, de David Harvey, Slavoj Žižek, Tariq Ali et al e The Precariat, de Guy Standing

EDITORIAL

Circula, atualmente, no âmbito acadêmico mundial um *termo* que traduz uma série de atentados contra a segurança social de indivíduos e grupos, inclusive daqueles que, em passado recente, eram sujeitos de direitos sociais institucionalizados. Trata-se do **precarizado**, um neologismo que expressa, nas sociedades capitalistas, a existência de um setor da classe trabalhadora, geralmente jovem e escolarizado, que se encontra desfalcado do direito ao trabalho protegido e da perspectiva de um futuro tranquilo. Este fato, que se tornou visível na Europa, onde, desde o segundo pós-guerra até o final dos anos 1970, o Estado amparava os trabalhadores dos azares do mercado laboral, constitui o retrato mais fiel da encruzilhada em que se encontra a política social contemporânea. Assim, se, antes, essa política concretizava direitos que permitiam aos cidadãos o engajamento na luta por melhores condições sociais, hoje ela é majoritariamente comprometida com a satisfação das necessidades de lucro do capital. Não por acaso, não só na Europa, a insegurança social campeia e fere de morte a confiança coletiva nas promessas civilizatórias do século XXI. No rastro dessa frustração, explicitam-se descontentamentos, caracterizados por rebeliões espontâneas e contagiosas que se, por um lado, denunciam o fechamento de um ciclo de expansão econômica, por outro, inauguram uma nova era de conflitos de classes. É o que se pode inferir dos tempestuosos e imprevisíveis movimentos sociais globais que vêm se organizando horizontalmente, por meio de redes informacionais, para combater nas vias públicas a austeridade econômica que degrada os direitos sociais. São exemplos dessas insurgências os movimentos dos “ocupas”, deflagrados, em 2011, na Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen; na Espanha, Portugal, Grécia e subúrbios de Londres, e ainda no Chile e Estados Unidos. Essa onda epidêmica de protestos, cujo denominador comum é o questionamento da ordem capitalista financeirizada, ancora-se na recusa dos ativistas em pagar o preço de uma crise sistêmica que se arrasta desde 2008 e não dá sinais de reversão. Estas são questões tratadas neste número do POLITIZANDO. Para articulá-las dois importantes pesquisadores brasileiros foram especialmente convidados: Giovanni Alves, da UNESP-Campus de Marília/São Paulo, e Alba Maria P. de Carvalho, da Universidade Federal do Ceará. Ambos brindam o leitor com análises críticas dialéticas a respeito desse novo momento de mobilização internacionalizada, não deixando dúvidas a respeito de seu compromisso com a causa dos explorados.

EXPEDIENTE:

Editora responsável: Camila Potyara Pereira **Comissão Editorial:** Carlos Lima, Potyara A. Pereira-Pereira, Marcos César Alves Siqueira, Maria Auxiliadora César e Vitória Góis de Araújo **Estagiária:** Jacqueline Domienne Almeida de Souza **Revisão:** Marcos César Alves Siqueira **Criação e Diagramação:** Camila Potyara Pereira **Imagem da Capa:** Banksy. Retirada do site: http://www.artofthestate.co.uk/photos/banksy_no_future_1.jpg **POLITIZANDO** (ISSN 1984-6223) é uma publicação quadrimestral do NEPPPOS/CEAM/UnB. Todos os direitos reservados.



Núcleo de Estudos e Pesquisas em Política Social (NEPPPOS/CEAM/UnB)

Universidade de Brasília - Campus Universitário Darcy Ribeiro - Pavilhão Multiuso I, Gleba A, Bloco A. Asa Norte. CEP: 70910-900. Brasília/ DF. Tel: +55 (61) 3107-5876.

Website: www.nepppos.unb.br **E-mail:** nepppos.ceam.unb@gmail.com

TOME NOTA



02 a 04/outubro/2012

V Seminário Internacional de Política Social

Local: Universidade de Brasília/DF

Informações:

<http://www.politicasocial.unb.br/>

26/outubro/2012

III Seminário: Política Educacional e Pobreza

Local: Universidade de Brasília/DF

Informações:

<http://www.tedis.unb.br/>

05 a 09/novembro/2012

XIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social: Serviço Social, acumulação capitalista e lutas sociais: o desenvolvimento em questão

Local: Universidade Federal de Juiz de Fora/Minas Gerais

Informações:

<http://www.enpess.com.br/>

A ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL NAS FORÇAS ARMADAS: NOVAS HABILIDADES, COMPETÊNCIAS E ATRIBUIÇÕES?

O presente trabalho analisa a prática profissional do assistente social no que concerne ao desenvolvimento de habilidades, competências e atribuições previstas no Projeto ético-político da sua profissão, em uma organização militar: o Comando do 7º Distrito Naval, que auxilia a Marinha do Brasil no cumprimento de suas tarefas enquanto componente das Forças Armadas. Por ter a Marinha uma base institucional calcada na hierarquia e na disciplina, o assistente social que atua nesse âmbito defronta um dilema real: de conviver com a oposição entre princípios, valores e visão de mundo que acredita e os que são defendidos pela instituição. Trata-se de uma contradição que não deve ser negada. Porém, compreende-se que o caráter militar não deve ser o elemento limitador para o estabelecimento do debate profissional nessa área, desde que se conceba o assistente social como agente que pode influir na definição da finalidade da sua prática.

GRADUAÇÃO

Autora:

Jacqueline Domiense A. de Souza

Orientadora:

Profª. Patrícia Pinheiro de Almeida

Data de Defesa:

Dezembro/2011

Instituição:

Departamento de Serviço Social (SER) / Instituto de Ciências Humanas (IH) / Universidade de Brasília (UnB)

MESTRADO

Autor:

Marcos César Alves Siqueira

Orientador:

Prof. Evilasio Salvador

Data de Defesa:

Fevereiro/2012

Instituição:

Programa de Pós-Graduação em Política Social / Departamento de Serviço Social / Instituto de Ciências Humanas / Universidade de Brasília (UnB)

A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DO GOVERNO LULA: ENTRE A INOVAÇÃO E A ORTODOXIA NEOLIBERAL

A presente dissertação procurou demonstrar em que medida as características assumidas pela política de assistência social no Brasil, na Gestão Lula (2003 a 2010), foram reflexos de determinações ou orientações de organismos multilaterais disseminadores da ideologia neoliberal, como o Banco Mundial. Neste sentido, verificou-se que não apenas o tomus da estratégia de ação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) como também a sua própria origem e identidade tiveram forte influência deste organismo, tanto em sua estruturação burocrática quanto na formação de suas concepções ideológicas. Contudo, percebe-se também, e é isso que deu o caráter "inovador" a essa política no Brasil, a existência de forças contra-hegemônicas (tanto externas quanto internas ao ministério) a influenciar diretamente as suas ações, imprimindo à política de assistência social brasileira matizes de uma constante tensão.

OS MISTÉRIOS DE UMA MERCADORIA SINGULAR: DESVELANDO O CARÁTER MERCANTIL DA VIOLÊNCIA

Demonstra-se, nesta tese, que a violência é uma ação exclusivamente humana e tão antiga quanto o ato inaugural da humanidade. Sob intensidade e forma variadas, encontra-se implícita ou categoricamente derivada por sobre as múltiplas manifestações de criação humana, tais como a arte, a religião, a literatura, a política e a história. E, mesmo sendo cada vez mais tema de produções de diversas ciências e disciplinas, não alcança uma confluência conceitual. No sistema do capital, viu-se conduzida à categoria de produto comercializável, razão por que neste empreendimento acadêmico é focalizada como mercadoria. Neste estudo, vê-se condensada a tese de que, no sistema do capital, a violência (e o seu suposto combate) representa tão somente uma entre todas as incontáveis mercadorias que se colocam à disposição nas prateleiras do mundo mercantil.

DOCTORADO

Autora:

Rejane Batista Vasconcelos

Orientadora:

Profª Alba Maria P. de Carvalho

Data de Defesa:

Maio/2010

Instituição:

Programa de Pós-Graduação em Sociologia / Universidade Federal do Ceará



A CIVILIZAÇÃO DO CAPITAL EM CRISE E A EMERGÊNCIA DO PRECARIADO: DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

Os circuitos da História no século XXI nos interpelam a decifrar o enigma do capital e sua crise, em suas contradições e paradoxos. Nas quatro últimas décadas, sob a égide das forças cibernético-informacionais, o sistema do capital vem efetivando transformações no seu padrão de acumulação e nas suas formas de valorização, configurando um novo momento no desenvolvimento do capitalismo, nos percursos da “mundialização com dominância financeira” (CHESNAIS, 2003). É a civilização contemporânea do capital a encarnar uma nova temporalidade histórica, marcada pela exacerbação da liquidez, da instabilidade e da insegurança, fazendo explicitar-se, no cenário mundial de 2008, uma crise do capital: crise estrutural, sempre em aprofundamento e com múltiplos desdobramentos (MÉSZÁROS, 2009). A rigor, trata-se de uma crise civilizacional, a expressar a insustentabilidade do modo de estruturação e funcionamento do sistema do capital.

A lógica de expansão do capital – alicerçada no extraordinário desenvolvimento da tecnociência, desvinculada das necessidades humanas – não tem limites e controles. Acentua e agrava a sua tendência destrutiva, a minar as condições fundamentais de sobrevivência humana e a colocar em risco o Planeta Terra; parece atingir o limite de suas contradições nas múltiplas encarnações dessa crise estrutural, a colocar em questão o futuro do próprio capitalismo em seus permanentes deslocamentos (HARVEY, 2011).

Assim, sem paralelos em toda a era moderna, acirra-se, na civilização contemporânea do capital, a contradição circunscrita por Marx, nos Grundrisse [1857-1858] (2011): a crescente substituição do “trabalho vivo” de homens e mulheres pelo “trabalho morto”, objetivado nas máquinas. Com a mediação da ciência e da tecnologia, o sistema do capital prescinde da presença física e do próprio “saber” e “fazer” do trabalhador, gestando o crescimento e ampliação da precariedade laboral, em seus distintos segmentos e diferentes categorias profissionais. Essa precariedade laboral, que marca a contemporaneidade, materializa-se no desemprego estrutural e nos múltiplos processos de precarização que perpassam o mundo do trabalho; envolve a mercantilização da força de trabalho, a organização e condições laborais; atinge as próprias condições de representação política, a organização sindical e o processo de construção das identidades individual e coletiva, em meio a fragmentações e pulverizações, com implosão dos laços de solidariedade de classe (DRUCK, 2009).

Adentrando nesse denso e vasto mundo precário do trabalho, Giovanni Alves (2012) circunscreve uma fecunda via analítica. Demarca, como um fenômeno contemporâneo, no decorrer dos “trinta

anos perversos” de capitalismo global (1980 – 2010), a universalização da condição de proletariedade, como condição existencial de homens e mulheres que vivem sob a ordem burguesa nesta nova temporalidade histórica do capital, configurando uma camada social de classe que se amplia e ganha visibilidade nos países capitalistas centrais: o precariado.

Quem é este precariado e como se circunscreve no cenário contemporâneo na condição de uma camada social de classe?

São milhões de trabalhadores jovens-adultos com alta escolaridade, desempregados ou inseridos em contratos de trabalho precários que transitam de uma ocupação a outra, quase sempre com baixos salários, sem projetos de vida e perspectiva de futuro. É uma multidão de jovens proletários assalariados, vinculados a camadas médias, com níveis elevados de qualificação profissional, entrando e saindo de empregos precários, a viver em situação de insegurança econômica e social, sem identidade ocupacional, sem garantia de direitos e tomados pelo sentimento de ansiedade perante o futuro. É uma “coletividade de despojados”, sendo identificados, no caso da “Geração à Rasca” de Portugal, como a “Geração Sem-Sem”: sem trabalho, sem casa, sem acesso a direitos... ou, então, como os “Indignados”, na Espanha, como a “Geração Ni-Ni”: ni estuda, ni trabaja... Assim, o precariado configura-se em grupos de juventudes frustradas e revoltadas que se disseminam mundo afora, sobremodo nos países capitalistas globais.

Este precariado é uma expressão peculiar, no contexto das juventudes, do crescente contingente de trabalhadores supérfluos – a chamada “população sobrando”. Esta tenta equilibrar-se no “fio da navalha” das exclusões e inclusões precárias – gestado pelo sistema do capital que, como contradição em processo, atingiu um estágio em que é necessário expulsar centenas de milhões de homens e mulheres do trabalho, tornando-os supérfluos. E o tornar-se supérfluo para juventudes, na condição de um “exército global de excedentários”, imersos na insegurança do presente e sem perspectivas de futuro, constitui uma enfática autocondenação do próprio sistema do capital, desvelando a natureza estrutural da sua crise (MÉSZÁROS, 2009).

O precariado a mundializar-se, circunscreve um dilema emergente do nosso tempo, ao abrir um campo de discussão e de investigação. Questiona-se o que, de fato, este precariado constitui no interior da civilização do capital: uma nova classe social emergente ou uma camada social da classe trabalhadora proletariada?

Entendo não tratar-se de uma classe social

emergente, conforme a postulação de Guy Standing (2011). Trata-se, sim, de uma camada social da classe do proletariado a manifestar a sua ampliação como classe social universal, como sustenta a interpretação marxista de Giovanni Alves (2012). Este precariado, constituído por trabalhadores assalariados jovens-adultos, no contexto da mistificação ideológica que sustenta a civilização do capital, encarna a invisibilidade social de sua natureza de classe. É inconteste que grupos desses jovens proletários, nas cidades europeias e norte-americanas, no limite de sua angústia, de sua frustração e indignação, tomam consciência de sua situação de vulnerabilidade e insegurança econômica e social, assumindo novas formas do conceber e do fazer político, a articular a potencialidade de universalização do ciberespaço e a possibilidade histórica de coletivização da “ágora”, na resignificação das praças como territórios políticos. Colocase em questão o que se pode esperar de sua mobilização e singulares formas de organização política, materializadas nas grandes manifestações em praças e ruas que surpreenderam o mundo, marcando o “ano rebelde de 2011”, com ampla divulgação midiática, em um espetáculo de “regresso da política”... Hoje, 2012, as mobilizações do precariado continuam e consolidam-se, sem o impacto da “surpresa histórica” a abalar o modo privatizante de viver, estrita ao espaço das mídias alternativas, impondo uma questão-chave no decifrar do enigma: qual a força emancipatória das lutas deste precariado? Quais as potencialidades e limites da sua insurgência e indignação? Giovanni Alves (2011) sinaliza que o precariado, a conferir visibilidade, nos primórdios do século XXI, à grande massa da humanidade “destituída de propriedade” – proclamada por Marx e Engels – estaria a encarnar a oportunidade radical de afirmação de “indivíduos histórico-mundiais empiricamente universais”, cabendo, nesta perspectiva, considerar o papel da Internet.

Guy Standing (2011) em suas análises, consubstanciadas em “O Precariado: a nova classe perigosa”, alerta que a sua emergência pode levar para uma “política do inferno” ou uma “política do paraíso”, a depender dos rumos da sua formação como uma “classe-para-si”. E sustenta a exigência histórica do precariado ser considerado como classe emergente, em suas inseguranças e interesses, o que tem impactos e implicações no âmbito das políticas públicas. Defende ainda a universalização dos Programas de Renda Básica, no sentido da redistribuição da riqueza monetária a questionar a lógica mercantil do capital e atender o precariado em sua necessidade vital de segurança.

Por fim, cabe uma inevitável interpelação: como este precariado se expressa entre nós, no Brasil

contemporâneo?

Esta é uma polêmica a remeter a uma análise do momento contemporâneo do capitalismo no Brasil, discutindo as expressões da crise do capital entre nós... Como via de estudo e pesquisa, considero que este precariado, sem a força e intensidade de sua emergência nos países capitalistas centrais, está a desenhar-se no contexto brasileiro, encarnado no amplo segmento de profissionais com nível superior, atuantes em instituições públicas e no chamado Terceiro Setor a vivenciar múltiplas formas de

precarização do trabalho, sobretudo nos circuitos da terceirização e de precarização da vida, mergulhado no risco e na insegurança econômica e social.

Em verdade, o precariado, como enigma contemporâneo, constitui uma interpelação investigativa, a colocar a exigência de fazê-lo um “concreto pensado”, no pleno exercício do pensamento crítico, “fardo do tempo histórico presente”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **O enigma do precariado e a nova temporalidade histórico do capital – partes 1, 2 e 3.** 2012. Disponível em <http://boitempoeditorial.wordpress.com/2012/14/o-enigma-do-precariado>. Acesso 22 de julho 2012.

_____. **Crise estrutural do capital e precarização do homem-que-trabalha.** Disponível em <http://boitempoeditorial.wordpress.com/2012/14/o-enigma-do-precariado>. Acesso 20 de julho de 2012.

CHESNAIS, François. **A nova economia:** uma conjuntura própria à potencia econômica estadunidense. In: CHESNAIS, François [et al] São Paulo: Xamã, 2003.

DRUCK, Graça. Principais indicadores da precarização social no Brasil. In: **Congresso Brasileiro de Sociologia.** Rio de Janeiro: julho 2009. Disponível em www.coloquio-sso.blogspot.com/2010/04/coloquio.html. Acesso 5 de dezembro 2011.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital.** São Paulo: Boitempo, 2009.

STANDING, Guy. **The precariat – the new dangerous class.** Bloomsbury Academic 2011. Disponível em <http://www.outraspalavras.net/files/2012/06/120628-precariado.livro.pg>. Acesso em 15 de agosto de 2012.

* Assistente Social. Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Integrante da Rede Universitária de Pesquisadores sobre a América Latina - RUPAL



Giovanni Alves é Doutor em ciências sociais pela Unicamp, livre-docente em sociologia e professor da Unesp/campus de Marília-SP. É pesquisador do CNPq com bolsa-produtividade em pesquisa e coordenador da Rede de Estudos do Trabalho (RET) e do Projeto Tela Crítica. É autor de vários livros e artigos sobre o tema trabalho e sociabilidade, entre os quais *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo* (2000).

Politizando: Qual o significado do termo “preariado” atualmente em voga? Trata-se de um neologismo, conceito ou apenas um nome para indicar um aspecto novo do processo de precarização do trabalho e da segurança social, iniciado nos fins dos anos 1970 ?

Professor Giovanni Alves: O neologismo *preariado* surgiu para designar a corrosão da ordem salarial fordista-keynesiana que se desenvolveu nos últimos trinta anos do capitalismo global (1980-2010) – denomino “trinta anos perversos”, a nova temporalidade histórica do capital caracterizada pela precarização estrutural do trabalho. Por exemplo, um autor como Robert Castel fala hoje da passagem do *salariat*, que permitia ao trabalhador ter garantias e direitos relacionados ao trabalho (ao menos na Europa), ao *précarariat*, que representa a institucionalização da precariedade que passa a ter o mesmo nível de estabilidade que o assalariamento no mundo do trabalho contemporâneo. Deste modo, para Castel, após os “trinta anos dourados” de capitalismo fordista-keynesiano, com a grande crise do

capitalismo ocorrida em meados da década de 1970, deu-se a passagem da condição salarial para a condição do precariado. Castel trata precariado para designar um novo modo de regulação do salário ou um “novo regime precarial”. Por outro lado, Guy Standing no livro “*Precariat – The new dangerous class*”, utiliza o termo precariado para designar o conjunto dos trabalhadores assalariados precários, isto é, trabalhadores inseridos em relações de emprego atípicas. Eu utilizo o termo precariado num sentido específico que se contrasta, por exemplo, com a proposição de Castel e Standing. Para mim, precariado não diz respeito a uma nova classe social, mas sim a uma camada da classe social do proletariado. O precariado é representado pelas novas camadas médias de jovens proletários assalariados, mas qualificados, desempregados ou inseridos em contratos de trabalho atípicos ou precários. Eles são expressão suprema, no plano histórico-mundial, da explicitação daquilo que denomino “condição de proletariedade”. Portanto, considero o precariado como sendo uma nova camada da classe social do proletariado que se amplia nos “trinta anos perversos” do capitalismo global. Ela se distingue, tanto da camada social dos trabalhadores estáveis, quanto da camada social dos trabalhadores precários antigos. Assim, o tipo de contrato, o grau educacional e a faixa geracional são critérios fundamentais para delimitar a camada social do precariado (trabalhadores jovens-adultos de alta escolaridade inseridos em relações de emprego precário). Deste modo, o crescimento da precariedade, caracterizada pelo desemprego e trabalho precário atinge principalmente milhões de jovens-adultos com alta escolaridade que percebem que seus certificados e diplomas são pouco mais que bilhetes de loterias. Essa camada social vive o drama da “frustração de status”.

Politizando: Como se caracteriza o precariado em termos de composição e tipo de integrantes, organização do trabalho, relações trabalhistas e salvaguardas sociais?

G.A.: Para Guy Standing, o precariado, a “nova classe perigosa”, seria produto da precarização social e do

trabalho, ou ainda, da precarização dos trabalhadores estáveis (“*déstabilisation des stables*”, segundo Castel), isto é, a vulnerabilidade dos trabalhadores empregados, e não apenas dos excluídos. Standing diz que faz parte do precariado aquele(a) a quem faltam sete elementos de segurança econômica e social: a segurança de ser empregável no mercado de trabalho; dos direitos trabalhistas contra a discriminação, demissões sem justa causa; do trabalho a partir dos níveis de qualificação ou segurança do trabalho por infortúnios e saúde; de formação capaz de favorecer avanços na carreira; de renda em termos de continuidade e de decência; e, enfim, de representatividade em termos sindicais e contratuais. Mas a condição de precariedade, de acordo com Standing, pode ser definida também com base em elementos que a caracterizam de modo homogêneo, identificados por ele por quatro elementos (quatro A’s): amargura-raiva, anomia, ansiedade e alienação. Eles representam a frustração do precariado dentro de processos de individualização do trabalho que favorecem sua acentuação. Minha discordância de Standing é que os critérios discriminados por ele – negativos ou positivos – não constituem uma nova classe social, na acepção marxiana, mas apenas delimitam uma nova camada social do proletariado. Eles representam de modo radical a explicitação da classe social do proletariado hoje. Além disso, a dimensão de radicalidade do precariado poderia ser salientada caso utilizássemos como critérios de delimitação da nova camada social do proletariado não apenas o critério do contrato de trabalho, capaz de definir a segurança econômica ou social (como salientou Standing), mas, também os critérios: educacional (são trabalhadores altamente escolarizados) e geracional (são jovens-adultos nascidos no bojo dos “trinta anos perversos” do capitalismo global, constituindo, deste modo, órfãos do *Welfare State*).

Politizando: Quais as raízes do precariado e as implicações sobre ele da crise estrutural do capital trazida à tona em 2008?

G.A.: O precariado amplia-se com a nova temporalidade histórica do capital, caracterizada pelo neoliberalismo e a financeirização da riqueza

capitalista. Nos últimos trinta anos de capitalismo global, ampliou-se nos países capitalistas centrais a mancha de precariedade salarial com a disseminação do trabalho flexível e as formas atípicas de emprego. Além disso, o desemprego em massa tem-se ampliado, principalmente a partir da crise financeira de 2008, atingindo principalmente a juventude trabalhadora. Mesmo nos períodos de crescimento da economia, ampliou-se a precariedade laboral na Europa e EUA, o núcleo orgânico do sistema do capital, demonstrando hoje a incapacidade do sistema econômico capitalista de incorporar um contingente imenso de jovens-adultos altamente escolarizados sem perspectiva de futuro.

Politizando: É incorreto, portanto, dizer que o precariado constitui uma nova classe social que tende a substituir o proletariado. Por que?

G.A.: O precariado, como já salientado, não constitui uma nova classe social, tendo em vista que vivemos ainda sob o modo de produção capitalista que possui apenas duas classes sociais fundamentais: a dos capitalistas e a dos trabalhadores assalariados. Portanto, é um equívoco teórico considerá-los uma nova classe social. Ao invés de ser uma nova classe social que substitui o proletariado, o precariado é a manifestação efetiva da ampliação do proletariado como classe social universal. Ou, em outros termos, o precariado constitui a camada social do proletariado que explicita em si e para si, a contradição radical do sistema do capital, isto é, a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas sociais do trabalho e a incapacidade do sistema do capital em transformá-lo em desenvolvimento humano das individualidades pessoais de classe. É claro que o proletariado como classe social não é – nem nunca foi – homogêneo, o que significa que o precariado é apenas uma das camadas sociais da classe dos explorados pelo sistema do capital.

Politizando: Porém, em que medida os trabalhadores precários constituem ameaça à ordem social dominante?

G.A.: Eles só podem ser considerados perigosos na medida em que explicitam a incapacidade da ordem burguesa hipertardia de incorporar seus carecimentos radicais. Como os seus integrantes não se organizam em sindicatos ou partidos, as demandas radicais do precariado não conse-

guem transformar-se em pautas de negociação com os gestores da ordem burguesa. Mesmo que conseguissem, não teriam satisfeitos seus carecimentos radicais que dizem respeito não apenas a questões salariais ou anseios de consumo, mas expressam – mesmo que não o saibam – o desejo de uma vida plena de sentido, incapaz de ser satisfeito pelo sistema produtor de mercadorias baseado na manipulação.

Politizando: Qual a relação entre o precariado e as rebeliões horizontalmente integradas por redes informacionais que recentemente sacudiram vários países do globo?

G.A.: Na década de 2000 o precariado tornou-se visível por meio dos movimentos sociais antiglobalização (Fórum Social Mundial) e, a partir de 2008, adquiriu visibilidade com o movimento dos Indignados (Espanha), Occupy (EUA) ou geração à rasca (Portugal). Ou ainda, ele se manifesta em movimentos de protestos sociais totalmente contingentes que adquirem caráter violento como os que ocorreram nos subúrbios de Paris (em 2005) ou em Londres (em 2011). Na medida em que o precariado é constituído em sua maioria por jovens-adultos que nasceram na era do ciberespaço, o movimento social deles apropria-se das redes sociais de base informacional para se auto-organizar e disseminar suas demandas de contestação anticapitalista. É uma característica do movimento social do precariado ocupar o ciberespaço – redes sociais e *twitter* – extraindo dele suas possibilidades emancipatórias.

Politizando: O que se pode esperar do potencial de mobilização do precariado em termos de mudança?

G.A.: Como são movimentos sociais e não movimentos políticos propriamente ditos, o movimento do precariado tende a ser considerado perigoso pelos ideólogos da ordem burguesa. O movimento do precariado hoje exerce o que poderíamos considerar um luddismo político tendo em vista a crise estrutural da política institucional, crise da democracia representativa e crise das instituições do Estado político do capital. Por isso, só lhes resta a ação direta – eis, portanto, os limites (e os alcances) desse movimento. Como neoludditas, o precariado ainda está aprendendo a construir uma nova política radical capaz de ir além da velha política burguesa e da velha política das esquerdas socialistas burocratizadas.

Politizando: Como está a discussão sobre o precariado no Brasil?

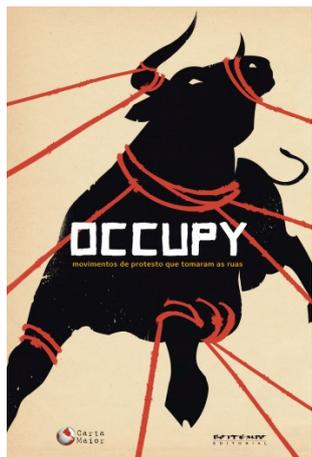
G.A.: Não existe discussão sobre o precariado no Brasil, tendo em vista que aqui este está invisível. Quem está organizado como movimento social no Brasil? De um lado, os trabalhadores estáveis urbanos com seus sindicatos e associações, e com suas demandas econômico-corporativas. De outro lado, os trabalhadores sem-terra do campo, organizados pelo MST, que absorve uma parte do proletariado pobre desempregado. O contingente de jovens-adultos altamente escolarizados inserido em empregos e atividades precárias ainda é de trabalhadores assalariados não-dimensionado pois não foge às estatísticas sociais. O precariado confunde-se com o trabalhador precário propriamente dito, terceirizado ou subcontratado. Perde-se a noção de que precariado diz respeito à juventude altamente escolarizada inserida precariamente na relação de emprego. Além disso, o capitalismo no Brasil ainda tem um fôlego de modernização que cria a ilusão de perspectiva de realização profissional e pessoal para a juventude empregada altamente escolarizada. No Brasil, o jovem com diploma ainda não percebeu que não existe futuro para ele no interior do sistema mundial produtor de mercadorias.

Politizando: Há algo em particular sobre este tema que não lhe foi perguntado e que gostaria de comentar ou desenvolver?

Giovanni: Em 2012 produzi o vídeo-documentário “Precários Inflexíveis”* no qual exponho depoimentos de jovens trabalhadores precários de Portugal. Este vídeo-documentário foi lançado no bojo da série de artigos intitulada “O enigma do precariado e a nova temporalidade histórica do capital”, publicada no Blog da Boitempo Editorial. O vídeo e os artigos encontram-se neste endereço <http://boitempoeditorial.wordpress.com/category/colunas/giovanni-alves/>.

Nestes três artigos procuro dar uma interpretação particular sobre o significado radical da categoria “precariado”, distinguindo de outras interpretações teoricamente equivocadas e politicamente reacionárias.

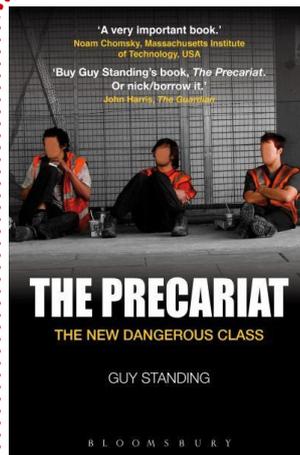
***A Equipe Editorial do POLITIZANDO recomenda aos seus leitores que assistam este instigante documentário e reflitam sobre seu conteúdo.**



Este livro, como seu próprio nome sugere, trata dos movimentos dos "ocupas" (de protestos de rua) que, ao longo de 2011, eclodiram simultânea e espontaneamente em vários países, tomando a forma global. Compõe-se de pequenos textos de autores de renome internacional, produzidos no calor das discussões sobre essa realidade, que começou pela primavera árabe e passou pela Espanha, Portugal, Irlanda, Estados Unidos, Grécia e outros. Na base dessas insatisfações repousa um determinante fundamental: a crise estrutural do capital associada, contemporaneamente, à dominação do capital fictício e ao processo de globalização neoliberal - a qual é responsável pela precarização da vida e do trabalho da maioria da população do planeta, em grande parte jovem e escolarizada. Daí o recente surgimento do termo *preariado*, discutido no mundo acadêmico e trabalhado pelos autores do "Occupy" como um neologismo que pretende apreender diferentes formas de trabalho vigentes, caracterizadas pela informalidade, terceirização, desregulamentação e perda de direitos sociais em nome da flexibilização. No momento em que várias produções intelectuais disponíveis procuram dinamitar o conceito marxista de classes sociais como não mais sendo aplicável à era contemporânea - já que as lutas sociais se caracterizam por um corte de gênero, cor e minorias - este pequeno compêndio trás à tona um fato inofismável, que não pode ser ignorado: a mais nítida exploração precária do trabalho humano pelo capital. E, nesse sentido, ele se constitui numa feliz oportunidade de se problematizar as determinações desses movimentos.

Referência: HARVEY, David; Žižek, Slavoj; ALI, Tariq et al. **Occupy:** movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, 2012.

Por Carlos Lima - Coordenador do NEPPoS/CEAM/UnB



Guy Standing trás à baila um novo conceito para designar os filhos e ao mesmo tempo os órfãos da recente dinâmica do trabalho. Tais jovens, em muitos dos casos bem escolarizados, sofrem os efeitos de um processo que transformou radicalmente o trabalho em "uma entidade mutante" e ao sabor das vicissitudes do mercado. Neste sentido, e ao contrário da sua geração anterior, essa heterogênea massa trabalhadora não apenas não encontra o seu espaço como também não possui um senso de identificação com uma carreira profissional. Adiante, Standing evidencia que não apenas o trabalho está em um processo de franca desestruturação como também a própria proteção social estatal, que por se direcionar aos estratos mais pobres deixa de fora um grande contingente que é primordialmente desprotegido por seus empregadores. Daí a expressão *preariado* para designar, segundo o autor, uma nova classe (não em uma acepção marxista), "perigosa", personificada nos movimentos sociais desde meados de 2000. Por fim, é apresentada uma saída para este impasse, que seria a implementação de uma renda básica universal como forma de independência diante de uma realidade puramente mercadorizada. Tal política seria uma forma de prover segurança econômica e de permitir um maior controle sobre um tempo, que hoje é quase que integralmente despendido na procura por ocupações instáveis e precárias.

Referência: Standing, Guy. **The Precariat: The New Dangerous Class.** London: Bloomsbury Academic, 2011.

Por Marcos César Alves Siqueira
Pesquisador do NEPPoS/CEAM/UnB



"É preciso que muitos morram para que uns poucos vivam eternamente". Essa máxima ilustra o universo futurístico do filme *O Preço do Amanhã*, dirigido por Andrew Niccol. Nesta realidade o tempo é a moeda corrente e a eterna juventude torna-se cientificamente possível: as pessoas param de envelhecer ao completarem 25 anos. Contudo, após atingirem esta idade, resta-lhes apenas mais um ano de vida; para viverem mais, precisam "receber" mais tempo. O mundo passa então a ser dividido entre uma maioria que necessita vender a sua força de trabalho em empregos precários, recebendo somente tempo suficiente para uma existência diária, e uma elite imortal, que vive às custas da superexploração dessa massa que não sabe se viverá até o dia de amanhã. Este filme retrata as mazelas geradas pelo capitalismo especulativo: a precarização das relações de trabalho e o surgimento do preariado, composto por indivíduos que em meio à total insegurança social, são condenados a batalhar diariamente pelo dia seguinte. Tal como no referido filme, na realidade atual a esmagadora maioria está privada de planos ou esperança no futuro.

Referência: NICCOL, Andrew. **O Preço do Amanhã (In Time).** Cor/109 min, 2011.